

# As Festas do Divino Espírito Santo em São Paulo: rituais, testemunhos e experiências migratórias

*The festivities of the Divine Holy Spirit in São Paulo: rituals, testimonies and migration experiences*

Elis Regina Barbosa Angelo<sup>1</sup>

## Resumo

A investigação versa sobre a Festa do Divino Espírito Santo, buscando apreender no estado de São Paulo quais as cidades que a produzem e a mantêm ao longo dos anos, bem como diversidades quanto aos aspectos locais, incluindo percepções e significados aos signos e símbolos propostos desde os processos migratórios que originaram essas expressões culturais luso-brasileiras. Como metodologia, de forma dedutiva, busca nas diversas fontes bibliográficas uma sistematização das origens e direções que trouxeram e disseminaram as festas ao longo dos territórios no Estado e suas respectivas “miscigenações”, em uma tentativa de descrever e compreender as principais razões de manutenção da religiosidade das festas do Divino, além da História Oral, que busca a participação junto aos rituais, de forma a mediar as relações humanas das festas, nas quais as histórias se entremeiam na formação dos sujeitos e na produção de sentidos da manutenção das tradicionais festividades. Assim, tem-se, além da história oral por meio dos depoimentos e experiências, como forma de colaboração dos envolvidos, a pesquisa participativa, sob a perspectiva sócio-histórica e, a reflexão sobre o *modus operandi* das festas.

**Palavras-chave:** Festa do Divino Espírito Santo, São Paulo, Identidades, Territórios.

## Abstract:

The investigation is about the religious festival called the Feast of the Divine Holy Spirit. We seek to discover which cities in the state of São Paulo have reproduced and maintained it over the years, as well as look at diversities related to local aspects, including perceptions and meanings of the signs and symbols from the migratory processes that gave origin to this Luso-Brazilian expression. Using a deductive methodology, we searched bibliographical sources for a systemization of origins which brought and disseminated the festivities throughout the territory and the respective “miscegenation”, in an attempt to describe and understand the main reasons for the maintenance of this Divine religion. In addition, Oral History is considered, to study ritual participation in order to mediate the human relations of the festivities, in which stories partake in the formation of the subjects and in the production of meanings of the maintenance of the traditional festivities. Thus, the study considers not only the oral history through testimonies and experiences, as a form of collaboration of those involved, but also participatory research from a socio-historical perspective, and reflection on the *modus operandi* of the festivities.

**Keywords:** Festivity of the Holy Spirit, São Paulo, Identities, Territories.

<sup>1</sup>Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). • Email: elis@familiangelo.com

## Introdução

A festa do Divino Espírito Santo é uma das manifestações culturais e religiosas mais relevantes de comunidades portuguesas e especialmente de açorianos e seus descendentes, tanto para os que vivem nos Açores quanto para os que vivem em outras localidades para onde emigraram nas diversas ondas da diáspora açoriana ao longo dos séculos. Percebe-se continuidades no Brasil e destinos como Estados Unidos, Canadá, França, entre outros. O poder do sagrado na fé religiosa parece trazer as festividades como signos das identidades.

O que se configura como sagrado de grupos advindos dos Açores em diversas temporalidades e de lugares distintos onde se cruzam as manifestações dessa cultura vão sendo multiplicados ao longo dos anos até a festa ser o traço da cultura, não mais dos grupos que a trouxeram, é o caso de algumas cidades do interior paulista, como Piracicaba e muitas outras cidades onde ainda se mantém a festividade.

Percebe-se que, em sua gênese, uma série de tempos e momentos rituais nos quais as representações do que se configura como sagrado e como profano estão em constante conflito, mas acabam por se complementarem na subjetividade das mais variadas intenções coletivas, seguindo as ideias de que o grupo religioso opera, molda e mantém a memória de seus membros, também “estabelece tradições normativas que consagram eventos, espaços, doutrinas, estilos litúrgicos, gerando tais elementos fortes sentimentos de estabilidade e continuidade”<sup>2</sup>.

A religiosidade dos açorianos<sup>3</sup> é evidenciada em seu comportamento cotidiano, fazendo-se presente, por exemplo, na forma de organizar os padrões da família, a casa e a educação, em um emaranhado de condicionamentos sociais e culturais. Assim, parte-se da ideia de que a religião participa de tudo o que é social, sendo um produto humano feito pelo homem sobre ele mesmo, fazendo parte de seus hábitos, costumes e de suas tradições<sup>4</sup>. Ao relevar essa conotação, percebe-se que as representações de como se organizam as esferas da religião também partem de tênues regiões de fronteira entre o que é sagrado e o que é profano na vida cotidiana dos indivíduos que delas participam.

Assim, esse estudo tem o intuito de revelar a festa do Divino Espírito Santo como um elo entre os sujeitos que a produzem e o lugar de onde vieram, pois, a partir desse pressuposto, as relações vão sendo traçadas e mantidas, mesmo que, nas diversas experiências, os sentidos sejam garantidos quanto às relações ritualísticas e aos princípios religiosos, seja na capital ou no interior, com a essência e a produção garantida temporal e espacialmente.

A metodologia usada passa pela História Oral<sup>5</sup> e mergulha na participação junto aos rituais, de forma a mediar as relações humanas das festas. Aqui, as histórias se entremeiam na formação dos sujeitos e na produção de sentidos da manutenção das tradicionais festividades. Assim, tem-se, além da história oral, por meio dos depoimentos e experiências, como forma de colaboração dos envolvidos, a pesquisa participativa, sob a perspectiva sócio-histórica e a reflexão sobre o *modus operandi* das festas. A pesquisa participante é “uma modalidade nova de conhecimento coletivo do Mundo e das condições de

vida de pessoas, grupos e classes populares”<sup>6</sup>.

A pesquisa-ação traz, à luz da relação do pesquisador, a tarefa de participar, de investigar e colaborar com a formação dos sentidos da investigação. As fontes usadas corroboram os rituais e a vida cotidiana dos sujeitos que as produzem, formando um verdadeiro saber-fazer das atividades. Entre elas estão os calendários de festas, as propagandas midiáticas e as próprias comunidades que as operam. Do espaço sagrado (Igreja) às relações com o espaço profano e o uso de objetos, ornamentos e instrumentos, vão sendo adaptadas na medida em que se disseminam no tempo. Assim, a essência das festividades vai sendo traçada ao longo das atividades, que se iniciam geralmente com antecedência de um ano e são finalizadas cinquenta dias depois da Páscoa cristã, no ato da festa.

## O Sagrado e o Profano das Festas e sua criação

A festa do Divino Espírito Santo tem em São Paulo<sup>7</sup> múltiplos diálogos com as sociedades que a produzem e faz parte de memórias dos deslocamentos humanos que a trouxeram e a transformaram no tempo e no espaço em que representa grupos e sentidos, sejam religiosos ou identitários.

Constata-se a sua organização, ritual e manutenção ao longo do tempo, já que traz, na própria essência, os sentidos dados pelos sujeitos que a produzem, realçando significados e modificando outros, temporal e geracionalmente, nos diversos espaços de criação e continuidade.

Nesse sentido, a participação nas festividades, na maioria das vezes, segue um padrão e uma rotina que, atrelados à religiosidade e à ritualística, vai escrevendo uma página na história dos grupos e dos sentidos apregoados à sua manutenção como signo, perpetuando gestos, cores, fé e devoção, além de guardar a identificação temporal a terras distantes, especialmente corroborando os processos da imigração e da própria história da sociedade brasileira.

As diversas relações dos deslocamentos temporalmente constituídos, com a formação de cidades no Brasil, e, especialmente no Estado de São Paulo, podem contar um pouco dessa manutenção e mesmo das diferentes leituras do ritual de Pentecostes observado em diversos lugares onde a festa do Divino se mantém. “Participar religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal “ordinária” e a reintegração no Tempo mítico ritualizado pela própria festa. Por consequência, o Tempo sagrado é indefinidamente recuperável, indefinidamente repetível”<sup>8</sup>.

A sacralização dos símbolos é o momento de transformação do que é comum e, portanto, profano em algo sagrado, no espaço, ambiente e ritual apropriados para a ação. O ritual é o elemento de criação da importância do objeto comum e sua transformação em especial e santificado. No caso das manifestações festivo-religiosas, cabe notar que, ao serem analisadas enquanto sagradas, podem ser apreendidas em seus mais amplos sentidos e territórios, sendo acolhidas como atos e ações sagrados, mas fora do espaço criado para esse fim, a Igreja. Por sua vez, a Igreja é o território do sagrado, onde acontece o ritual de coroação, de significação dos símbolos.

A sequência da festa fora desse espaço passa a ser profana, apesar de ser uma festa religiosa. Esse momento de saída do espaço santo permite aos membros da comunidade alcançar suas funções na festa. A vivência dos membros da comunidade nas festas e as atribuições individuais e coletivas fazem parte dos relacionamentos com os outros e do imaginário de servir e ter funções importantes dentro do grupo. Assim, “[...] a participação num grupo religioso implica certos deveres e obrigações. Isso por causa da relação entre o respeito à divindade e o respeito pelas criaturas que a representam”<sup>9</sup>

Nas festas religiosas, em especial as festas do Divino, há uma combinação de elementos sagrados e profanos, no qual,

[...] O Espírito é o ambiente, a fama, mas também o dom, a inspiração, a sintonia fina, a energia comum, enfim, o seio em que o Pai gera o Filho. Por isso, para conhecer bem a Trindade, é bom não esquecer que: Jesus é o caminho, o Pai e o Espírito são a paisagem. Paisagem sem caminho pode ser bonita, mas não permite andar. Em termos religiosos, isso significa praticar muita religião como rituais, culto, leis e obrigações, mas não seguir um caminho, não ser discípulo de um mestre.<sup>10</sup>

A crença no Espírito Santo e a crença na Santíssima Trindade se encontram vinculadas, não há separação. Contudo, quando se menciona apenas o Divino, faz-se referência ao momento bíblico da descida do Espírito na Terra. Esse momento é o Pentecostes, o momento de celebração da vinda do Paráclito na Terra. As características visualizadas nas mais variadas formas da festa em todo o Brasil e em Portugal possuem variações de acordo com a cultura e o modo de vida de cada comunidade.

Assim, as festas do Divino Espírito Santo, tanto no Brasil quanto em Portugal, mais especificamente nos Açores, onde se encontram as raízes desses festejos, possuem em sua dinâmica a incorporação de elementos culturais locais, em suas amplas e variadas formas de celebrar o Pentecostes<sup>11</sup>. Ainda percebendo essas incorporações, há uma abordagem que revela traços de adaptabilidade da própria Igreja Católica, que passa a aceitar as diferenças, para isso é importante definir as linhas conceituais do sagrado no espírito que concentra as direções da festividade.

A trajetória bíblica do surgimento e manifestação do Espírito Santo e sua construção simbólica, por meio das passagens que constam no evangelho, desde o nascimento de Jesus Cristo, contam com o espírito, visualizado em aparições e manifestações religiosas, define-se, assim, sua legitimidade na fé e devoção cristã.

A partir dessa concepção do nascimento do filho de Deus, inicia-se a construção dos ensinamentos bíblicos e das manifestações do Espírito, que, condicionadas aos ensinamentos católicos, acabam traçando os movimentos pelos quais as representações culturais religiosas vão, ao longo de sua história, sendo elaboradas e reelaboradas. Alguns estudos feitos sobre essa temática mencionam, em sua maioria, a história da Rainha Isabel e de Dom Diniz como precedente das intenções

contidas na coroação de pessoas durante a festa, fazendo referência à partilha de bens materiais com os pobres.

Há também abordagens que relacionam o início das festividades com as celebrações da Idade Média realizadas em agradecimento à terra e à colheita, elementos que, de certa forma, influenciam suas mais variadas reformulações ao redor do mundo, independentemente do sentido ora recriado. Para essa reflexão, parte-se da hipótese de que “a periodicidade da produção agrícola induziu o homem em determinadas épocas de sementeira e colheita a congregar a comunidade para celebrar, agradecer ou pedir proteção”.<sup>12</sup>

Essa ideia expressa a formação das comemorações anteriores ao cristianismo, incluindo as festas profanas de culto a divindades protetoras das plantações. “Com o advento do cristianismo, tais solenidades receberam nova roupagem: a Igreja determinou dias que fossem dedicados ao culto divino, considerando-os dias de festa, os quais formaram em seu conjunto o ano eclesiástico”.<sup>13</sup> Considerando-se verdadeira a versão que envolve a Rainha Isabel, conforme apontado em diversas obras sobre a Festa do Divino, tem-se a sua criação concebida como um benefício aos pobres.

Foi instituída pela Rainha Isabel, casada com o rei Dom Dinis, o lavrador, na cidade de Alenquer, onde foi construída uma igreja em homenagem ao Divino Espírito Santo, no início do século XIV. Conta a lenda que a rainha gostava de distribuir esmolas para os pobres, especialmente comida. O rei, sovinha, passou a proibir a esposa dessa prática. Certa vez, quando levava pão aos famintos na rua, ela foi surpreendida de repente pelo rei, que lhe perguntou o que trazia. Temendo a reação do marido, ela respondeu que trazia rosas. Ao verificar espantado, o rei viu lindas flores. Desse milagre parece ter nascido a tradição de se distribuir comida para todos os participantes nas comemorações do Divino. A devoção se espalhou rapidamente em Portugal e se tornou festa coletiva de grande interesse popular.<sup>14</sup>

Embora essa iniciativa da Rainha Santa Isabel de Portugal no século XIV seja indicada como ponto de partida das festividades, “muito antes houve uma confraria em Benaventes, do século XIII, anterior a 1227, e, portanto, a D. Dinis, a cargo da qual estava um *bodo*<sup>15</sup> aos pobres por dia do Espírito Santo”.<sup>16</sup>

Há, também, estudos a respeito das festividades que apontam ser o início dos *bodos* aos pobres os anos entre 936 e 1218, na dinastia dos *Ottons*, como uma forma de fazer uma genealogia das Festas do Divino.<sup>17</sup>

Poucos autores destoam dessa linha de pensamento segundo a qual as Festas do Divino teriam se iniciado a partir da coroação de um pobre pela Rainha e desconstroem a gênese das manifestações festivas na Europa, criando um panorama da temática na antiguidade. Ao se considerar a fome como um problema de todas as civilizações e o alimento a principal questão de construção de rituais, há outra visibilidade dos princípios organizadores da festa do Divino.

Assim, como a questão da fome<sup>18</sup>, que permeia a organização de comemorações dos ciclos agrícolas, era a busca pelo alimento (abundância) o princípio

dos festivais na antiguidade. Partia-se da sequência das estações do ano para fomentar os festivais, que foram, no curso da história, sendo modificados, com a incorporação de outros elementos e intenções. O cerne dos festejos<sup>19</sup>, contudo, é sempre o mesmo: a comida e a fartura do alimento e, além desses festejos, os romanos e germanos tinham as maias e janeiras, festivais que sobreviveram em Portugal. Esses acontecimentos fazem parte de uma cadeia que mostra que “a organização social portuguesa é toda romana, o que explica esta reminiscência de antigos ritos”<sup>20</sup>.

No cristianismo, as mesmas festas recebem outras conotações, seguindo em alguns lugares os mesmos princípios e em outros, características adaptadas da religião, assim, o mês de Maria tinha a intenção de substituir as festas de Afrodite, em que os portugueses, na sua maioria, “penduravam “giestas à porta” para comemorar a fartura e o culto do reflorescimento da terra. As festas do “Divino”, propositadamente comemoradas em maio, tentavam, desde D. João I, em 1385, evitar o paganismo das “Maias”, cantadas e dançadas pelas ruas.”<sup>21</sup>

Há, no decorrer da história dos festivais em louvor à colheita e à fartura de alimentos, uma influência dos romanos, pois eles “acreditavam em muitos deuses, cada um com sua própria personalidade e características, representando aspectos particulares da vida.”<sup>22</sup>

Assim, a adoração aos deuses fazia parte do universo cotidiano dos romanos, que tinham nas festas o intuito de agradecer às variadas graças cotidianas. As janeiras<sup>23</sup>, por exemplo, eram festas romanas que Portugal acabou adotando até o cristianismo. Durante a comemoração, os indivíduos iam de casa em casa e cantavam frases de culto ao ano que se iniciava. Ao terminarem a canção em uma casa, esperavam que os donos trouxessem as janeiras, que eram comidas como castanhas, nozes, maçã, chouriço, morcela, entre outros alimentos. Essa festa acabou sendo chamada de “bom princípio do ano novo”, e, em algumas freguesias, os moradores ofereciam aos festeiros chocolates e dinheiro, embora não fosse essa a tradição.

Os festivais trazem a mesma tônica em todas as civilizações, mudando certas características segundo os costumes de cada lugar. No entanto, o alimento se encontra no cerne das festas de todos os povos enquanto elemento folclorizado e das tradições profanas. Dizer o mesmo em relação à Festa do Divino, acreditando ser ela uma reconstrução das remotas festividades das colheitas com nova roupagem, é partir do pressuposto de que ela também foi transformada pelo cristianismo.

Nos Açores, as festas em homenagem ao Divino ainda trazem em seu bojo os elementos da religião, o momento da coroação e a procissão até os impérios<sup>24</sup> e mostram algumas articulações com as freguesias nas quais ocorrem. O lado religioso da festa é tido pelos seguidores como único. Eles não veem, em momento algum, o profano da festividade. “A festa do Divino tem quatro elementos básicos, o Teatro, a Folia, a Comilança e o Objetivo: Espírito Santo e, apesar da iniciativa da Rainha Isabel, os elementos advêm de antigos costumes.”<sup>25</sup>

A continuidade das Festas do Divino não foi apenas

a sobrevivência de uma tradição, mas seu caráter lúdico intimamente relacionado com o trabalho no campo, que almejava a todo tempo a abundância, fartura e novos campos de cultivo. “Estava tudo interligado, abundância no campo e nas festas. A comilança, abundância e alegria foi o clima de expectativa do homem em sua existência durante toda a sua história.”<sup>26</sup>

Conforme apontado no Arquivo dos Açores, em textos sobre as origens da Festa do Divino, “as folias ao Espírito Santo, com quanto pareçam ter tido uma origem *pagan no druidismo*”<sup>27</sup>, ou na superstição grega, todavia elas foram introduzidas em Portugal e nas Ilhas dos Açores com maior devoção e piedade”<sup>28</sup>.

Os druidas<sup>29</sup>, em que pese a ausência de descrição, são apenas mencionados na mitologia sobre os gauleses, mas alguns documentos atestam essa possibilidade de introdução da festa nas Ilhas. Sobre as primeiras inserções das festividades em Portugal, há também apontamentos que se referem a acontecimentos dessa natureza na França: “Antes de estabelecidos entre nós os Impérios do Espírito Santo, tínhamos as folias denominadas do Bispo Innocente; as quaes também foram solemnizadas em França, e eram anualmente com esplendor festejadas em S. Martinho de Tours.”<sup>30</sup>

Alguns textos<sup>31</sup> ainda mencionam a lenda da Rainha Isabel enquanto principal motivação das continuidades festivas nas ilhas. Segundo alguns pesquisadores, os pioneiros da colonização das ilhas introduziram tanto a fé católica enquanto religião como as festas em louvor ao Divino.<sup>32</sup>

Sobre a continuidade das festividades em homenagem ao Divino Espírito Santo nas ilhas açorianas, tem-se a informação de que foram introduzidas com a colonização e, “um dos primeiros capitães Donatários da Ilha de Santa Maria, Pedro Soares de Souza, já ali se faziam estas festividades, contribuindo elle não pouco para o bodo aos pobres; e mais tarde edificaram uma Ermida ao Espírito Santo, que hoje é Parochia”<sup>33</sup>.

As festas dos Açores, ligadas às motivações sociorreligiosas, apresentam em grande parte, as expressões originárias da linguagem, da música, da dança, do teatro, do artesanato, da culinária, dos trajes entre outras formas a compreender os sentidos e motivos pelos quais se configuram os cultos, rituais e práticas devocionais, sempre em honra aos santos.<sup>34</sup>

Ao mesmo tempo, a visão de religiosidade ligada ao anticlericalismo tem fundamento no que se pode chamar de desligamento das estruturas oficiais da Igreja, no que concerne à formatação das festividades, da simbologia do sagrado e do profano, numa forma de garantir as identidades e a história do povo. Assim, as festas não necessariamente atêm-se a fundamentos da Igreja, mas, repetidamente nas ilhas, estão ligadas ao cotidiano e às dificuldades enfrentadas durante toda a sua história.<sup>35</sup>

A partir dessas tradições e de sua trajetória na história dos Açores, a emigração de sua população foi, ao longo do fenômeno emigratório, levando para as terras de acolhida as festividades. Foi em São Paulo, sem dúvida, disseminada a festa do Divino, percebe-se

a devoção de norte a sul do estado, ora modificada, ora transformada pela mescla de tantos sentidos dados ao longo do tempo e da relação espacial.

O sagrado e o profano, na qualidade de manifestações espaciais, encontram-se em conflito como regiões de fronteira, pois o que é divino de certa forma se separa do que faz parte do mundo social, cotidiano e, portanto, profano. O terceiro lugar, ou seja, a fronteira entre o que é divino e profano pode ser entendida como o espaço da transformação. Nesse espaço, onde os símbolos tornam-se sagrados, são unidos os dois tempos que Elíade chama de tempo sagrado e tempo profano, nos quais o ritual de sacralização dos símbolos traz uma nova ordem de significados.

Participar religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal “ordinária” e a reintegração no Tempo mítico reatualizado pela própria festa. Por consequência, o Tempo sagrado é indefinidamente recuperável, indefinidamente repetível.<sup>36</sup>

Pensar na sacralização dos símbolos do Divino para transformá-los em sagrados significa que o ritual da coroação é o ato sagrado no espaço sagrado que é a Igreja. Já as demais práticas profano-religiosas, que formam os outros tempos da festa em fronteiriços do que é analisado como sagrado e não sagrado, ocorrem em outros territórios, fora do espaço religioso.

A coroação é o ato que torna os símbolos representações de fé e do sagrado. O momento ritual é o que separa os símbolos carregados de sentido e significados de fé, pois, os atos da festa detêm uma simbologia própria, repleta de sentidos para a comunidade que a organiza e mantém.

### **Algumas considerações sobre as Festas do Divino Espírito Santo e as permanências em cidades paulistas**

As festas do Divino são as mais difusas por todo o Estado, concentradas no tempo Pentecostal da Igreja, na sua maioria, ocorrem cinquenta dias após a Páscoa Cristã, das mais simples que remontam aos costumes portugueses de doação do alimento aos pobres as mais pomposas, formam sempre espetáculos de fé, alegria e particularidades.

Muitos são os municípios que as realizam do norte ao sul do Estado, apesar de suas peculiaridades regionais, saltam aos olhos as atividades e a ornamentação de cada uma delas. Ao que tudo indica, as continuidades quase sempre se atrelam à tradição geracional. “Em São Paulo, desde o período da Capitania, o culto ao Divino Espírito Santo tem sido alimentado entre os cristãos pelo exemplo das gerações mais velhas, [...], com variações locais e regionais, intimamente relacionado aos ciclos da economia agrária”.<sup>37</sup>

Outras relações diametralmente ligadas à sua produção fazem valer o espírito do Divino: a doação, a alimentação e o ato de repartir o alimento, apregoando aspectos intrinsecamente ligados às festividades do espírito.

O Estado produz a festa do Divino em muitas cidades, cada uma com suas individualidades, mas sempre com o princípio da doação de alimentos aos pobres, do ato de repartir, de doar e de dar aos menos favorecidos. Em sua maioria, advém de irmandades, que buscam garantir a união e os esforços conjuntos da comunidade.

As organizadas no médio Tietê possuem encontros fluviais das Irmandades do Divino. As que ocorrem no litoral e Vale do Paraíba cortejam os devotos, em atos diferenciados. Outras fazem seus cortejos a cavalo (as famosas cavalarias), e a farra do João Paulino e a Maria Angu (bonecos gigantes). Nelas ocorre o levantamento do Mastro Votivo, o Império do Divino ornamentado; as comidas como um dos maiores símbolos do Divino, a fartura e a comensalidade.

Das cidades onde ocorrem as festividades estão: Angatuba, Anhemi, Araçoiaba da Serra, Arandu, Biritiba-Mirim, Buri, Cananéia, Capão Bonito, Caraguatatuba, Conchas, Cotia, Cunha, Divinolândia, Iguape, Itu, Jacupiranga, Laranjal Paulista, Lagoinha, Mogi das Cruzes, Nazaré Paulista, Nuporanga, Paraibuna, Pereiras, Piedade, Piracaia, Piracicaba, Porongaba, Porto Feliz, Ragoinha, Santa Branca, Salesópolis, São Luís do Paraitinga, Silveiras, Suzano, Tietê, Ubatuba, Ubirajara.

Outros rituais ligados ao Divino Espírito Santo são as folias do Divino, apresentadas por meio da organização de pequenos grupos de até cinco pessoas. Os Foliões do Divino preparam tanto os encontros quanto algumas das Festas do Divino propriamente ditas. Na sua ritualística, começam visitando as casas das zonas rural e urbana, e assim, vão dançando e cantando os feitos e os poderes do Divino Espírito Santo, recolhendo donativos, e fazendo orações, e também angariando fundos para sua celebração.

Ao traçarem os caminhos, percorrem as comunidades além de ativar as relações com o santo, ativam a fé no Divino e divulgam o tempo pentecostal divino. Das cidades onde ainda ocorrem as folias estão: Anhemi, Caconde, Cananéia, Cunha, Iguape, Itanhaém, Itu, Itapeva, Lagoinha, Laranjal Paulista, Mogi das Cruzes, Natividade da Serra, Paraibuna, Piracicaba, Redenção da Serra, Salesópolis, São Luís do Paraitinga, São José dos Campos, Tietê, Ubatuba.

Signos vão sendo construídos a partir da festa e os sentidos dados também pela religiosidade atrelada ao Divino. Cidades inteiras vão concebendo a festa como um patrimônio cultural. Em Piracicaba<sup>38</sup>, por exemplo, desde 1826 configura-se como uma das maiores festas tradicionais profano-religiosas da região<sup>39</sup>.

Tal manifestação ocorre na cidade atraindo pessoas, sejam devotos, sejam curiosos, movimentando a cidade no período do Pentecostes. Possui expressivos rituais como: Folia, Pouso, Leilão de prendas, Encontro das Bandeiras, Procissão, Missa e Rodas de Cururu e Violeiros. (ZAVARIZE, 2017)

**Imagem 1**  
Festa do Divino no Rio Piracicaba, 2017  
Fonte: ZAVARIZE, 2017<sup>40</sup>



As modificações oriundas de séculos de festas vão sendo observadas nas cidades. Essas alterações parecem caminhar com as múltiplas relações entre indivíduos e coletividades étnicas, multiplicando as culturas e absorvendo especificidades. Em Piracicaba, as festas são construídas no âmago do símbolo mais relevante da cidade, o rio.<sup>41</sup>

A cidade revela aspectos interessantes como o rio e a abundância alimentícia, que corrobora a fartura das Ilhas dos Açores e da própria relação dos portugueses que aportaram nas diversas cidades paulistas. Para diferenciar as festividades ao Divino, algumas questões são pontuais sobre sua construção e mesmo sobre sua concepção como forma:

No Estado de São Paulo conhecemos dois tipos distintos de festa do Divino: a realizada em terra e a no rio. Nos municípios, cujas cidades não são plantadas a beira de rio navegável, sai somente uma bandeira a pedir donativos pelos sítios, bairros rurais, distritos, seguindo as estradas e caminhos, parando nos pousos, revivendo a tradição. Nos municípios servidos por rio, saem duas bandeiras e o clima da festa se dá por ocasião do rio abaixo.<sup>42</sup>

Alguns autores fazem uma leitura interessante sobre a dinâmica cultural das festividades, a esse exemplo: “a Festa do Divino, embora ainda considerada um reduto da cultura caipira, quando aqui chegou teve que se adaptar à nova realidade brasileira e ao calendário folclórico de cada região, sofrendo reinterpretações de acordo com a realidade local.”<sup>43</sup> Essa leitura expressa múltiplas formas de conceber as festividades e de participá-las aos meios onde se vivem a fé e a manutenção das tradições e o culto ao Divino.

Outras cidades como Laras<sup>44</sup> propõem uma festa dinâmica e adaptada à realidade e às necessidades da localidade. Apesar de o sentido estar voltado às questões e aos acontecimentos locais como a febre amarela, símbolos

e sentimentos se ligam ao renascer do Pentecostes.

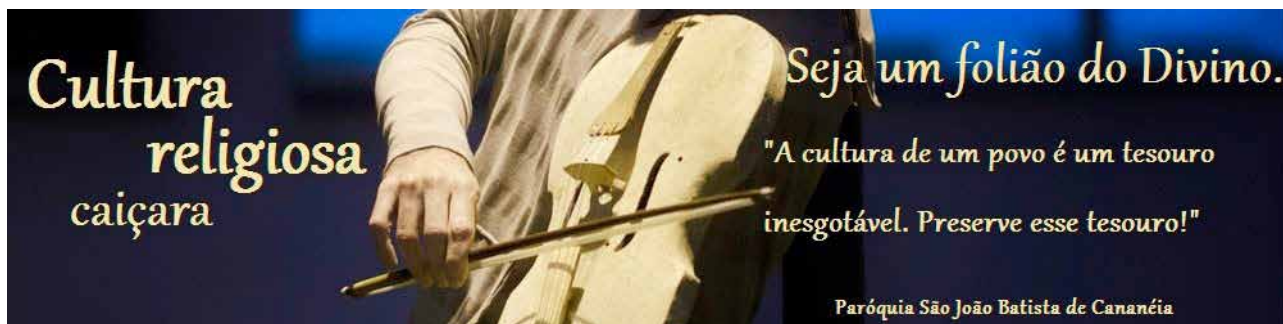
Diferente de todas as demais festividades observadas pelo estado, Laras<sup>45</sup> apresenta um exemplar peculiar com a proposta de se constituir como um ritual local, com a história e as mazelas da memória local. “Todas as passagens da Festa de hoje remetem ao passado de Laras, à memória coletiva do lugar, contribuindo para manutenção desta memória. Não há referências à Festa da Dona Isabel; as referências são do surto de febre amarela.”<sup>46</sup>

Outras cidades como São Luiz do Paraitinga mantêm a festa do Divino frente às abruptas transformações socioculturais da contemporaneidade. Alguns estudos<sup>47</sup> apontam para as possibilidades de transformação, fortalecidos pela atualidade, observando aspectos relevantes de tradição oral e cultura popular, na qual a luta pela sobrevivência dos símbolos e identidades sempre se encontra em embate.

Em Cananéia, município localizado na região do Vale do Ribeira no Estado de São Paulo, as comunidades “tradicionalistas”, de certo modo mantêm os festejos ao Divino, tendo como relevante símbolo da cultura caçara<sup>48</sup>.

Atualmente é organizada pelas comunidades que distribuem diversas bandeiras que circulam em vários bairros de Cananéia e no quilombo do Mandira. As bandeiras possuem uma função social e religiosa, relacionada à proteção dos fiéis. Os rituais de passagem das bandeiras reforçam os laços de solidariedade entre parentes, amigos e vizinhos. A bandeira é um instrumento de celebração, quando chega em uma casa é recebida pelo anfitrião, que beija o tecido vermelho e a pomba branca situada no alto do mastro. O dono da casa leva a bandeira e percorre todos os cômodos e deixa repousar. Em cada visita arrecadam-se prendas, onde são cantados cânticos de agradecimentos. Outro aspecto interessante na celebração do Divino, é a associação com os festejos dedicados a São Gonçalo principalmente quanto a musicalidade.<sup>49</sup>

**Imagem 2**  
Propaganda da festa recrutando a comunidade  
**Fonte:** Grupo de Fandango Batido São Gonçalo<sup>50</sup>



A ideia de manutenção dos grupos vai sendo incorporada à institucionalização das festas, muitas vezes, para garantir a sobrevivência dessa tradição. Grupos como os açorianos de São Paulo que a mantêm na Casa dos Açores coordenam as atividades por meio da doação de alimentos, levantamento de verbas durante os eventos anuais e apoio de empresários.

Algumas das festas vão sendo mantidas frente ao apoio da própria cidade por meio de verbas municipais e também de projetos que colaboram para a manutenção dessas festas<sup>51</sup>.

O Estado de São Paulo possui muitas festividades do interior ao litoral, mantendo, de certa forma, a essência das festas oriundas dos processos migratórios. Da imigração portuguesa e açoriana à mescla cultural que abrange a maior parte dos grupos onde se manifesta, ora se transforma, ora se mantém alguns símbolos e signos ritualísticos. A ideia de desvendar as mais expressivas festividades do Divino no estado parte do princípio de que, da colonização à contemporaneidade, a escolha e manutenção da religiosidade e dos aspectos da cultura popular foram sendo, paulatinamente, elos com as raízes.

Apesar de não significar apenas elos com o passado, simbolizam o elemento português, e, a esse princípio a miscigenação dos grupos instalados de norte a sul e em diversificadas relações de poder, seja econômico, social, cultural e mesmo religioso. Assim, pode-se dizer que, “entre processos comunicacionais híbridos entre: caiçaras e quilombolas, sagrado e profano, lazer e socialização, criam-se redes onde as trocas ocorrem em nível material e simbólico, trocam-se e comunicam-se: saberes, sentimentos, esperança e fé de identidades em constante construção”<sup>52</sup>; e, além disso, estabelece elos com a memória dos lugares e dos sujeitos que fizeram das importantes mecanismos de transformação social.

Em Mogi das Cruzes<sup>53</sup>, as festas ao Divino traduzem um pouco da história local, e adaptadas à realidade da cidade e da região, formam um verdadeiro mosaico da cultura popular caipira e portuguesa.

Algumas singularidades despertam para a observação, entre elas, “a entrada dos Palmitos, uma procissão que serpenteia pelo centro da cidade na véspera do dia de

Pentecostes, com milhares de devotos segurando suas bandeiras, carros de boi enfeitados e inúmeros grupos folclóricos que agradecem as graças recebidas.”<sup>54</sup>

Além dos símbolos introduzidos, a mulher recebe destaque com as rezas e simbologias do sagrado. Ao longo dos anos, vão incorporando sentidos ao agradecimento e louvor ao Divino no Pentecostes.

As cidades vão desenhando suas festividades ao Divino com características próprias, ritualizadas com sentidos criados pelos grupos que as promovem, e essa dedicação é percebida nos signos, símbolos e sentidos atrelados em cada comunidade.

#### **Vozes e experiências: As festas do Divino na capital paulista**

Na Vila Carrão, onde a comunidade açoriana se organiza desde a década de 1970 como grupo emigrante, a festa começa no próprio domingo de Pentecostes quando acaba a anterior. A escolha dos mordomos que organizarão a próxima festa se dá em público com o sorteio das “domingas”, que são as sete semanas que antecedem a coroação. No território da festa, encontram-se a Casa dos Açores – as ruas adjacentes onde a quermesse acontece durante o sábado anterior ao dia de Pentecostes e no próprio dia santo e por onde passa a procissão que leva as imagens do Senhor Santo Cristo dos Milagres, a imagem de Nossa Senhora de Fátima, as Coroas, o Ceptro, as bandeiras do Divino e demais insígnias da Casa para a Igreja de Santa Marina.

Na Igreja, há a comemoração com a Missa em louvor ao Divino e a Coroação que concretiza o ato sagrado dentro do espaço, tornando-o sacralizado pelo ato religioso. Os espaços se confundem entre o sagrado e o profano, pois são minuciosamente pensados e trabalhados para a festa, como manifestação de fé, devoção e agradecimento, além de ajuda aos necessitados, uma das intenções maiores dessa festa.

A vivência dos membros da comunidade na festa e as atribuições individuais e coletivas fazem parte do que Michel de Certeau (1956) chama de relacionamento com os outros. Assim, diz que “(...) a participação num grupo religioso implica certos deveres e obrigações. Isso por

causa da relação entre o respeito à divindade e o respeito pelas criaturas que a representam”.<sup>55</sup>

Entender o porquê dos rituais significa uma compreensão do que o mito faz para que haja o deslocamento dos espaços, assim, “[...] um mito retira o homem de seu próprio tempo, de seu tempo individual, cronológico, “histórico” – e o projeta, pelo menos simbolicamente, no Grande Tempo, num instante paradoxal que não pode ser medido por não ser constituído por uma duração”.<sup>56</sup> Essa relação faz com que o significado do mito implique ser “uma ruptura do tempo e do mundo que o cerca; ele realiza uma abertura para o Grande Tempo, para o Tempo Sagrado”.<sup>57</sup>

Assim, quando abordadas questões sobre as fronteiras do sagrado e profano, há que situar a referência, se é do tempo sagrado, do lugar sagrado, das imagens sagradas, do mito, como princípios e definições de representação cultural enquanto enfoque para melhor compreensão e análise, pois, “[...] O Espírito é o ambiente, a fama, mas também o dom, a inspiração, a sintonia fina, a energia comum, enfim, o seio em que o Pai gera o Filho.”<sup>58</sup> A crença no Espírito Santo e na Santíssima Trindade se encontra vinculada; não há separação, mas, ao mencionar apenas o Divino, há a menção do momento bíblico da descida do Espírito na Terra. Esse momento é o Pentecostes e, por isso, o momento de celebração da vinda do Paráclito na Terra. As diferenças visualizadas nas mais variadas formas da festa em todo Brasil e em Portugal possuem variações de acordo com a cultura e o modo de vida de cada comunidade.

A fronteira entre o sagrado e o profano “é um lugar paradoxal, onde dois mundos se comunicam e onde se pode efetuar a passagem de um mundo para outro.”<sup>59</sup> Da forma com que a fronteira foi trabalhada, percebe-se que o Sagrado e o Profano ora são dicotômicos ora se encontram num único significado, por meio de um lugar sagrado e de um tempo sagrado, capaz de transformar o profano e, ao mesmo tempo, dar-lhe uma nova interpretação.

Os depoimentos simbolizam a relação de sujeitos com a festa do Divino, da sua construção à sua manutenção, não sendo apregoados a ela múltiplas leituras, nas quais os sons e tons vão sendo dados na medida em que se produz o território, o bairro, a cidade.

Na narrativa que se segue, sujeitos constroem a memória da fundação da Casa dos Açores de São Paulo e alinham lembranças à formação das festas do Divino como pontos de partida.

Em Novembro de 1981, compra-se uma velha casa à rua Dentista Barreto nº 1282, para onde se transfere a sede, precisava-se construir mas não havia dinheiro, havia sim, muito boa vontade e principalmente muita fé no Divino Espírito Santo, que como milagre o dinheiro vai aparecendo, muitos açorianos estão contribuindo monetariamente, outros com o seu trabalho, como é maravilhoso, gente rica, gente pobre de mãos calejadas todos irmanados carregando pedras, cimento, cal, areia, ferro, fazendo massa, etc. O milagre está acontecendo, a velha casa está dando lugar a um belo edifício, assim em 21 de abril de 1982 inaugura-se a primeira parte de nossa sede, mas não se pára aí, ainda há muito a fazer e não se desanima, 1986 a casa está acabada,

com os dois salões de festas, cozinha, forno elétrico, adega, bar, sala de reuniões, secretaria, biblioteca e a tão sonhada Capela para o hóspede de honra “Divino Espírito Santo”.<sup>60</sup>

A Festa do Divino é uma festa que atrai pessoas para a comunidade embora as pessoas vendo tudo aquilo que acontece elas vão ser tocadas por Deus certamente isso deve ter acontecido, e em termos de agregar valor o que existe é que, por exemplo, nos últimos anos houve uma interação muito interessante da juventude com a Casa de Açores e essa interação foi uma interação muito boa muito boa mesmo e estabeleceu para a Casa de Açores uma perspectiva também

nesse caso e de pessoas jovens que estão se preocupando exatamente com essa questão. Eu digo que eu estou de fato bem contente por ter uma comunidade açoriana tão integrada na paróquia porque eu acredito que quando tem um grupo bem identificado aquele grupo não se divide ele traz uma riqueza pra dentro e eu estou vendo isso nas pessoas daqui.<sup>61</sup>

[...] Eu lembro muito da minha mãe, da gente participar de procissões sempre vestidos de anjinho... Então, a gente sempre teve essa parte religiosa, muito forte do católico mesmo. Então, isso ela sempre teve com a gente. Mas, também, a nossa infância, foi uma infância que a gente viveu muito nós, entre os irmãos. Por que minha mãe trabalhava e meu pai trabalhava. A vida deles, também, no começo, foi difícil, porque eles vieram de lá, praticamente sem nada, e vieram reconstruir uma vida aqui; aí também começaram também do nada. A minha mãe entrava das 06h às 02h e meu pai da 01h às 10h, então, a gente nunca tinha o pai e a mãe juntos. Só depois de muito tempo é que a gente passou a ter isso em casa. Meu irmão, que foi o terceiro, ele teve problema no coração, então minha mãe teve que deixar o trabalho para poder cuidar dele e tudo o mais, foi quando a gente acabou tendo ela em casa. Mas a gente nunca foi assim de você falar e fazer brincadeiras dos Açores, coisas que eles faziam, não. A gente tinha a parte religiosa e a culinária, que foi sempre muito forte dentro de casa.<sup>62</sup>

A Festa do Divino, a gente sempre divide assim, né, pelo menos aqui na minha cabeça, eu a divido na parte que a gente chama: religiosa, aí eu chamo uma parte que ela é folclórica, e tem aquela outra parte que a gente a chama de comercial. Daí o comercial, o que pra nós é o comercial? – É a nossa Quermesse. Daí, pra nossa Quermesse a gente tem um tratamento. A parte religiosa, a gente coloca na religiosa. A religiosa é o dia da Festa, a Procissão, a Missa em si, e os Terços. E a nossa parte, que a gente chama Folclórica, é a Folia do Divino, são as Entregas, são os Bodos, né, a entrega que a gente faz. Doações que a gente faz. Então, essa parte que a gente chama ela mais de Folclórica.<sup>63</sup>

A quermesse da festa do Divino é ponto de encontro dos açorianos em São Paulo. O lucro obtido com a venda do artesanato das ilhas, da linguiça obtida da matança dos porcos, tradição chegada com os imigrantes, do pão de massa sovada, das malassadas, dos doces típicos e do vinho ilhéu, destina-se a um fundo que a Casa dos Açores tem para a construção da ermida do Divino Espírito Santo.<sup>64</sup>

A festa eu posso dizer da parte masculina porque essa parte religiosa e tudo é a mulherada que toma conta, entendeu? Então elas fazem reunião, já tem quem vai levar a bandeira, quem vai não sei que... Quem vai de um lado, quem vai de outro. Elas sabem falar sobre isso. Eu realmente não sei. Eu sei que eles vão agora à minha fazenda, vão matar

os bois, pra doar carne, os porcos... E a gente acompanha o Sr. Agostinho [que está atuando como coordenador da Casa], vamos à polícia pra requerer a polícia, eu vou falar com o Prefeito aqui da região, quer dizer, a festa em si mesmo não tem muitos detalhes. A mulherada realmente tem muito mais detalhes em questão da festa. Olha tenho certeza que ela vai ser fabulosa.<sup>65</sup>

Bem, na verdade, sobre as festas, lógico que acompanhava, sabia, participava lá nas missas, sempre nas cerimônias, mas nas festas do Divino Espírito Santo da Casa dos Açores, tenho participado de quatro anos pra cá. Fui chamado, por algum motivo, primeiro pelo meu primo José Luis, quando trabalhava na Prefeitura de Mogi das Cruzes, na ocasião da

festa “Entrada dos Palmitos” e posteriormente pelo meu primo Antonio Tavares Arruda. Via meus irmãos mais velhos e minha mãe sempre em plena dedicação, desde preparativos para a festa até a celebração da missa. Eu, sempre me dedicando à atividade profissional, em viagens, participação em palestras e trabalhos em projetos de pesquisa, tomavam quase todo o meu tempo. Pouco me via envolvido nas questões da festa em si. De dois a três anos para cá, é que tenho uma maior participação junto a Casa dos Açores de São Paulo, por estar mais tranquilo em termos de trabalho. Devo o meu maior envolvimento nas atividades da Casa dos Açores ao meu primo Antonio. A partir de então é que me interei e adquiri uma consciência e visão mais ampla da devoção ao Divino Espírito Santo e das festas.<sup>66</sup>

### Imagem 3

Divino Espírito Santo (símbolo)

Fonte: Elis Regina Barbosa Ângelo, acervo pessoal, 2007.



A organização ritualística da festa é uma contribuição coletiva na manutenção do que a Casa considera “identidade cultural açoriana”, pois, favorecem as relações sociais, aspectos de sociabilidade, comensalidade e principalmente “tradições”, como o saber-fazer dos pratos, a ornamentação dos santos, a ritualização das festas em âmbito profano e religioso e, também, quanto à união do grupo como açorianos e descendentes.

As relações tecidas, frente às vozes, entremeiam a memória individual e a relação com a coletividade, na medida em que os sentidos vão sendo construídos pelo padre, pela dona de casa, pelos açorianos e seus descendentes e pela própria configuração da comunidade açoriana na qualidade de mantenedora das festividades, que dão ao lugar de memória a identificação da terra natal, da terra escolhida e da fé e devoção ao santo.

### Considerações Finais

As festas do Divino vão trazendo características de lugares, cidades e comunidades com especificidades e peculiaridades próprias, transformadas ao longo dos anos e mantidas na essência das cores, tons e sentidos.<sup>67</sup>

Observando-se as tradições festivas nas diversas cidades paulistas é possível perceber que há um movimento de manutenção das tradições, seja pela lógica da religiosidade, seja pela relação da sua produção com atividades de lazer, entretenimento e comensalidade, como sociabilidade. Interpretar esse movimento requer saber o significado e a direção por que caminham as festividades ao longo das gerações. Seja no campo religioso ou no âmbito do lazer e do entretenimento, a festa, tanto no âmbito sagrado quanto no profano, é um momento no qual todas as coisas se reconciliam, as

sintonias se entrelaçam e as pessoas se reencontram com os outros e os seus.

Esse movimento da festa e seus direcionamentos podem ser apreendidos enquanto celebração da vida, rompimento do ritmo comum do cotidiano, em que o homem experimenta o tempo mítico da eternidade e da manifestação divina, permitindo-lhe a reconciliação de tudo e com todos. Nesse sentido, as festas revelam a essência que fundamenta a fé e a fraternidade comunal, que alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições. Dessa forma, verifica-se que as tradições são plásticas e aceitam inovações trazidas pelo sentido da modernidade.

O valor dado aos símbolos, objetos, sentimentos e ações consiste em uma maneira de garantir as semelhanças às gerações, mesmo adaptando sentidos novos e talvez alterados da forma em que surgiu.

O novo é algo fluido, flexível, mas o velho é algo em constante mutação, também recriado e remodelado com o tempo. A ideia de recriar vestígios do passado nada mais é do que a junção de sujeitos imersos em processos de sociabilidade em temporalidades históricas, em um processo de (re)invenção de raízes para criar ou recriar um passado coletivo. Para que a memória possa

reinventar ações de pertencimento, é necessário que os acontecimentos tenham sido vividos pessoalmente, ou pelo grupo, ou até mesmo pela coletividade a qual a pessoa considera pertencer.

Os aspectos que ainda possuem um vínculo com um rito ou com o sagrado em uma sociedade que se dessacraliza, seja objetos, sentimentos ou sentidos, que se procura dotar de certa imortalidade, só sobrevive por conta da mutação contínua de significados que vai adquirindo pela dinâmica cultural.<sup>68</sup>

Dessa forma, a Festa do Divino se reconstrói e se ressignifica para o grupo em que está inserida constantemente. Nessa dinâmica cultural, a Festa busca incluir os jovens para que não fique no passado, para que a reconstruam no futuro, marcando na contemporaneidade um território tradicional que, em tempos passados, já foi reinterpretado com outros sentidos. As diversas interpretações chamam a atenção pela terra ou pelos rios e mesmo pelo mar, conotando sentidos atrelados à geografia, ao clima ou outros sentidos de adaptação pelos quais foram ao longo dos anos sendo transformados. Contudo, o sentido da festa continua sendo a partilha, o agradecimento e a devoção, sobrepostos na relação de amizade, fé e humanização das relações sociais.

**Recebido em 26/09/2018**  
**Aprovado em 23/11/2018**

## Notas:

<sup>2</sup>HALBWACHS, M. A *Memória Coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990. p.156-159.

<sup>3</sup>“[...] os açorianos são profundamente crentes e manifestam a sua devoção e fé de uma forma veemente. Os santos a que os fiéis apelam, os ritos praticados e as crenças formuladas são católicos. A população vive a religião cerimonial esperançosa de salvar a alma do Inferno e, por isso, cumpre os sacramentos do Baptismo, da Confirmação, da Confissão, da Eucaristia e da Extrema-Unção, festeja o Natal e a Páscoa, enterra-se nas Igrejas e exercita a caridade e a solidariedade através das Confrarias e Misericórdias.” COSTA, Susana Goulart. Açores: Nove Ilhas, Uma História. Traduzido por Rosa Neves Simas. Berkeley, Califórnia: Institute of Governmental Studies Press; University of California, 2008. p.144.

<sup>4</sup>A tradição pode ter como acepção o “conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas [...], de natureza ritual ou simbólica, [que] visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado”. HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p.09.

<sup>5</sup>A História Oral é utilizada como método, instrumento (caminho) e colaboração, pois, “trata-se da narrativa da experiência de vida de uma pessoa”. (MEIHY, 2005, p.147), ver também José Carlos Meihy (2010) e (2011).

<sup>6</sup>DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. 2. ed. São Paulo: Altas, 1989. p.,09

<sup>7</sup>Ver textos sobre a festa do Divino da Vila Carrão em São Paulo a esse exemplo em Angelo, 2015; 2017; 2017.

<sup>8</sup>ELÍADE, 2001, p.64.

<sup>9</sup>O texto de Michel de Certeau, publicado em 1956, traz uma discussão sobre intuições fundamentais para o estudo da vivência do que é sagrado. “*Premier texte publié dans un bulletin d'étudiants (Lyon, 1956), cet article est repris ici dans une version critique retrouvée dans son 'Nachlass'. Elle incorpore des corrections de sa main et une longue autocritique, rédigée six mois après la première parution, où l'on remarquera la prescience du jugement porté sur ses directives de recherche. L'article concerne l'expérience du croyant, en particulier chez les mystiques. Il en souligne l'inscription dans le temps, le déchirement entre un 'déjà' et un 'pas encore', la détermination par le langage, enfin la relation à l'Eglise. Il reconnaît dans l'expérience mystique une proclamation de Dieu à son peuple et situe toute expérience spirituelle sous le signe de l'altérité, dans sa dépendance, car pour le chrétien l'autre est le lieu de la rencontre avec Dieu.*” CERTEAU, Michel de. *L'expérience religieuse, "connaissance vecue" dans l'église*. Recherches de science religieuse. Tome 76, 2. Paris, 1988. p.202.

<sup>10</sup>SUSIN, Luiz Carlos. *Pai, Filho e Espírito Santo*. São Paulo: Edições Paulinas, 2003. p.14.

<sup>11</sup>“Pentecostes é festividade do mês de maio, justamente o mês da fartura, em que os pagãos festejam Ceres e Afrodite, cultuando o ‘reflorescimento da terra’, o que aconteceu desde a remota Antiguidade. A Igreja Católica, reagindo ao costume dos primitivos portugueses de festejar o mês de maio, fez dele o mês de Maria como é até hoje.” ETZEL, Eduardo. *O Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular*, 1995. p.57.

<sup>12</sup>“A repetição dos ciclos agrícolas, identificados com a reunião de grupos sociais, acabou por dar à festa uma função comemorativa.” DEL PRIORE, Mary Lucy. *Festas e Utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000. p.13.

<sup>13</sup>DEL PRIORE, Mary Lucy. *Festas e Utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.p.13.

<sup>14</sup>BERNARDES, Juliano. *O Divino e o Profano: A Inserção de Novos Discursos na Festa do Divino Espírito Santo em Barra Velha - SC*. Disponível em: <[http://www.larc.ufsc.br/arquivos/divino\\_e\\_profano.pdf](http://www.larc.ufsc.br/arquivos/divino_e_profano.pdf)>. Acesso em: 12/02/2008.

<sup>15</sup>“Vodos ou bodos são entendidos como tradicional distribuição de comida aos pobres.” ABREU, Martha. *O Império do Divino: Festas Religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999. p.39.

<sup>16</sup>ETZEL, Eduardo. *O Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular*, 1995. p.55.

<sup>17</sup>“A festividade do Divino Espírito Santo é oriunda dos Estados Alemães onde inicialmente foram praticadas durante a dinastia dos *Ottons* e destinava-se a lançar fundamentos de uma instituição que, à maneira de um banco, formado de esmolas, acudisse aos pobres nos anos de penúria. E, como os invocantes eram reis, os festejos conservaram aspectos de realeza, o que evidencia que na Idade Média a atenção com os necessitados foi, em determinadas épocas, objeto de cuidados, dos governantes e monarcas europeus.” PIAZZA, Walter F. *Aspectos Folclóricos Catarinenses*. Florianópolis, SC: Comissão Catarinense de Folclore, 1953. p.34.

<sup>18</sup>“Fomes apertadas nos estados alemães determinaram um dos imperadores da dinastia, Othon, a lançar os fundamentos desta instituição como banco formado de esmolas para acudir a pobres nos anos de penúria. Da divindade que invocaram, do imperante que tomaria a iniciativa, nasceram os festejos religiosos, que a confraria imperial votava ao culto do Espírito Santo nesta quadra do ano, devoção e costume que de lá se propagou pelos Estados da Europa cristã [...]” VÁRZEA, V. Santa Catarina: *A Ilha*. Florianópolis: Lunardelli, 1985. p.69.

<sup>19</sup>“Entre os festivais judaicos um dos principais era o da colheita que se realizava cinquenta dias depois da Páscoa judaica,

correspondendo ao nosso Pentecostes. Enquanto na religião cristã comemora-se a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos, os hebreus comemoravam a colheita no dia santo que a tradição atribuía ser o dia da chegada dos Dez Mandamentos.” ETZEL, Eduardo. *O Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular*, 1995. p.29-30.

<sup>20</sup>ETZEL, Eduardo. *O Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular*, 1995. p.30.

<sup>21</sup>DEL PRIORE, Mary Lucy. *Festas e Utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.p.13.

<sup>22</sup>HILL, Jonathan. *História do Cristianismo*. São Paulo: Edições Rosari, 2008. p.45.

<sup>23</sup>“Na evolução dos costumes a fim de que o povo abandonasse os festejos das janeiras e maias instituíram-se procissões que os distraíssem daqueles ritos gentílicos e, todavia ainda hoje (1873) em algumas de nossas províncias se não extinguiram de todo estes restos de tão inveterado paganismo. Talvez os costumes tenham persistido de alguma forma, pois Aulete (dicionário) no verbete “maia” acrescenta que, as crianças iam pelas estradas pedindo donativos para as festas desses dias.” ETZEL, Eduardo. *O Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular*, 1995. p.30.

<sup>24</sup>“Os Impérios são construções de um só compartimento, de planta aproximadamente quadrangular, elevadas sobre fundações que as colocam num plano superior ao das outras construções do aglomerado, abrindo-se na fachada através de porta e janela que as ladeiam, por vezes com peitoris de ferro fundido e frontal triangular encimado por um dos símbolos do Espírito Santo – a pomba ou a coroa-pintado, assim como as barras, estas de cores fortes. Têm acesso por escada exterior, nalguns casos de madeira e removível, e o tecto é de duas águas. O interior é ocupado por uma ou mais mesas, alguns bancos ou cadeiras, nichos e altar na parede do fundo.” DUARTE, Mário; RAACH, Karl-Heinz. *Os Impérios da Ilha Terceira*. Angra do Heroísmo, Açores, Portugal: Blu Edições, 2002. p.3.

<sup>25</sup>Para compreensão dos elementos apontados, pode-se dizer que: “O teatro religioso é prática comum a partir do séc. XII, ampliando-se nos séc.XVI e XV e sendo retomada com grande interesse catequético pelos jesuítas, ordem que se formou no século XVI (1536). Assim, o teatro introduzido na festa do Divino era uma prática comum na época da Rainha Isabel.” (p.57) “A folia, já sabemos ter vindo de longe, das andanças boêmias e ciganas da Idade Média com o elemento lúdico em comum que possivelmente manteve a preferência dos povos pelos séculos afora.” (p.58) “[...] comilança, que era também um hábito comum, tanto que desde o rei D. Manuel (1469-1521), o livro V. Tit. 5 das Ordenações do reino de Portugal proibia comesainas dadas aos pobres em benefício dos mortos. [...] A Ordem do Espírito Santo foi fundada em Mompilher nos fins do século XII e dali a pouco com bênção de Inocêncio III (papa entre 1198-1216) levando por toda cristandade hospitais e albergues para o exercício das misericórdias em os pobres e doentes. Assim, também o culto ao Espírito Santo era corrente na época da Rainha Isabel [...]”ETZEL, Eduardo. *O Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular*, 1995. p.59.

<sup>26</sup>ETZEL, Eduardo. *O Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular*, 1995. p.60.

<sup>27</sup>“Druidismo - Alguns estudiosos preocupam-se em discernir duas correntes religiosas: a céltica e a druídica. Embora muito semelhantes (levando-se em conta que a céltica é derivada da druídica) existe uma tendência a fazer certas considerações. Acredita-se que o celtismo era mais rudimentar e mais ligado ao culto da Mãe Natureza, enquanto o druidismo apegava-se a diversas divindades ligadas à natureza. Pode-se afirmar que o druidismo se baseava em dois grandes princípios: o Respeito à Natureza e na crença da imortalidade. Os druidas eram os sacerdotes e presidiam as cerimônias religiosas [...]” PORTAL BRASIL ESCOLA. História do Mundo. Religião Celta – *História da Religião Celta*. Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/celta/religiao-celta.htm>>. Acesso em: 07/09/2009.

<sup>28</sup>ARQUIVO DOS AÇORES. *Antiguidades Açorianas: Impérios do Espírito Santo*. Vol.I. s/d. p.183. Disponível em: <<http://www.arquivedosacores.com/index.php?volume=1&de=&a=&ano=&indice=0&tags=Imp%20do%20Esp%20Santo&pagina=182>>. Acesso em: 20/07/2010.

<sup>29</sup>LANGER, Johnni. *Mitologia e Literatura Medieval: Entrevistas com Hilário Franco Júnior, José Rivair Macedo e João Lupi*. Fênix. Revista de História e Estudos Culturais. Vol.3, Ano III, n.1. Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura, Janeiro/ Fevereiro/ Março 2006. p.13.

<sup>30</sup>LANGER, Johnni. *Mitologia e Literatura Medieval: Entrevistas com Hilário Franco Júnior, José Rivair Macedo e João Lupi*. Fênix. Revista de História e Estudos Culturais. Vol.3, Ano III, n.1. Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura, Janeiro/ Fevereiro/ Março 2006. p.183.

<sup>31</sup>O arquivo dos Açores online disponibiliza textos sobre o início das festividades nas ilhas. Esse é um arquivo elaborado com o apoio da Universidade dos Açores. Cf.: ARQUIVO DOS AÇORES. Disponível em: <<http://www.arquivedosacores.com/index.php>>. Acesso em: 22/08/2010.

<sup>32</sup>“Segundo alguns historiadores e documentos que temos à vista, foi posteriormente estabelecido o primeiro Império do Espírito Santo, com as suas populares folias, tendo tido seu princípio na Vila d’Alemquer, e sendo seus fundadores a Rainha Santa Isabel e El Rei D. Diniz. Ao ser edificado em Alemquer uma Igreja ao Espírito Santo, no primeiro anno em que se fez a solemnidade da coroação do Imperador, e com todo o luzimento, não só chamou a nobreza para tomar parte neste Império, que Ella tão piedosamente acabava jerarchias. Tanto que o ornato da Igreja esteve posto em sua perfeição, se disse nella, com assistência dos Reis e da Corte, uma missa officiada com toda a solemnidade, e acabado o sacrosanto sacrifício, chamando os Reis a nobreza mais qualificada, e parte da boa gente da Villa, e seus contornos, que tinha assistido naquelle religioso acto, lhes encommendou

aquella casa, o que elles tiveram por grande honra... Estimaram os reis esta piedosa promessa da nobreza, e do povo, em que o povo igualou a generosidade da nobreza... Ajuntaram-se as pessoas, a quem os Reis tinham encommendado a Igreja... e erigiram uma confraria (a primeira) em louvor do Espírito Santo, a que fizeram liberaes doações.” (História da vida de Santa Isabel Rainha de Portugal, p.185 e seg.)”. ARQUIVO DOS AÇORES. *Antiguidades Açorianas: Impérios do Espírito Santo*. Vol.I. s/d. p.183. Disponível em: <<http://www.arquivodosacores.com/index.php?volume=1&de=&a=&ano=&indice=0&tags=Imp%20Esp%20Drito%20Santo&pagina=182>>. Acesso em: 13/09/2010.

<sup>33</sup>ARQUIVO DOS AÇORES. *Antiguidades Açorianas: Impérios do Espírito Santo*. Vol.I. s/d. p.183. Disponível em: <<http://www.arquivodosacores.com/index.php?volume=1&de=&a=&ano=&indice=0&tags=Imp%20Esp%20Drito%20Santo&pagina=182>>. Acesso em: 13/09/2010.

<sup>34</sup>MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. *A Festa nos Açores*. Açores, Portugal: Serafim Silva Artes Gráficas/ Maia, 1992. p.01.

<sup>35</sup>MENDES, Hélder Fonseca. *Descrição Histórico-Crítica das Festas do Espírito Santo nos Açores*. p.08. Disponível em: <[http://www.forumdaigrejabatolica.org.br/artigos/espíritosanto\\_festas.pdf](http://www.forumdaigrejabatolica.org.br/artigos/espíritosanto_festas.pdf)>.

<sup>36</sup>ELÍADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. A Essência das Religiões. São Paulo, Martins Fontes, 2001.p.64.

<sup>37</sup>DPH IPPLAP. *A festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba*. Piracicaba: IPPLAP, 2012.p.32.

<sup>38</sup>A Festa do Divino foi trazida para Piracicaba com os primeiros povoadores, quando Viegas Muniz introduziu o Encontro das Bandeiras no rio Piracicaba, a partir da vinda de portugueses, suas expressões foram trazidas e mantidas ao longo dos anos.

<sup>39</sup>“As festas realizadas na água revivem a tradição, pois, as primeiras aconteciam no caminho mais natural e mais fácil, os rios. Isto porque, regra geral, todas as fundações nasceram à beira das estradas líquidas.” CARRADORE, Hugo Pedro. *Retrato das tradições piracicabananas*. Piracicaba: Prefeitura Municipal de Piracicaba, 1978, p. 47.

<sup>40</sup>ZAVARIZE, Adilson. Piracicaba comemora a 191ª Festa do Divino a partir do próximo sábado. Jornal online Buskaki News. **29 de junho de 2017**. Disponível em: <<http://buskakinews.com.br/piracicaba-comemora-191a-festa-do-divino-partir-do-proximo-sabado/>>. Acesso em 12/082017.

<sup>41</sup>“Em Piracicaba a Festa do Divino é uma das maiores manifestações do patrimônio imaterial da cidade. Atualmente é realizada na primeira quinzena de julho, tendo duração de uma semana. Durante a realização das solenidades do Divino Espírito Santo é promovido um grande número de eventos religiosos, festivos e econômicos, como por exemplo: celebrações de derrubada e bênção de barcos, celebrações das bandeiras, bênção das casas, tríduo solene, procissões, jantares leilões, salva de morteiros, festanças folclóricas (congada, cana verde, dança dos tangarás, cateretê) entre outras manifestações individuais e coletivas.” DPH IPPLAP. *A festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba*. Piracicaba: IPPLAP, 2012.p.37.

<sup>42</sup>Id. Ibid. p.37.

<sup>43</sup>PIRES, Cibélia Renata da Silva. *A religiosidade caiçara: a festa do divino em Piracicaba*. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Abril/ Maio/ Junho de 2009 Vol. 6 Ano VI nº 2. p.12.

<sup>44</sup>Distrito de Laras, também Capela de São Sebastião da Pedra Grande, está localizada a 18 quilômetros do Município de Laranjal Paulista as margens do Rio Tietê, conhecida pela festividade do Divino.

<sup>45</sup>“A peculiaridade da Festa do Divino de Laras é que ela se mantém, no seu ritual, distante daquela originária, de Portugal, difundida pela Rainha Dona Isabel no século XIV. Geralmente, as Festas do Divino no Brasil trazem representações de Cetro e Coroa, Imperador e Imperatriz como referências àquela realizada em Portugal, devido ao processo de colonização. Em Laras, o ritual tem, na sua origem, uma história local. Todas as passagens da Festa de hoje remetem ao passado de Laras, à memória coletiva do lugar, contribuindo para manutenção desta memória. Não há referências à Festa da Dona Isabel; as referências são do surto de febre amarela. Assim, em Julho (em função das férias escolares), a Irmandade do Divino Espírito Santo sai em peregrinação pelos bairros rurais e centralidades urbanas de municípios próximos levando a Bandeira do Divino às famílias que a recebe com muita devoção. A Irmandade viaja por terra e por água por cerca de vinte e cinco dias, enfrentando frio e chuva, às vezes, e dormindo em locais precários. A Irmandade é sempre recebida com muita fartura pelas famílias que oferecem almoço ou jantar e pernoite, uma vez que é considerada mensageira do Divino.” MARIANO, Neusa de Fátima. Sobre as águas do Rio Tietê: A Festa do Divino de Laras (SP). *Cadernos Ceru* v. 24, n. 1, 2013. p. 237.

<sup>46</sup>MARIANO, Neusa de Fátima. Sobre as águas do Rio Tietê: A Festa do Divino de Laras (SP). *Cadernos Ceru* v. 24, n. 1, 2013. p. 236.

<sup>47</sup>Ver os trabalhos de Almeida (1987); Raveli (1999) e Santos (2008), ao tratarem várias leituras sobre a festa do Divino de São Luiz do Paraitinga ao longo do tempo e sua manutenção.

<sup>48</sup>“Cultura caiçara se define por um conjunto de valores, visões de mundo, práticas cognitivas e símbolos compartilhados, que orientamos indivíduos em suas relações com a natureza e com os outros membros da sociedade e que se expressam também em produtos materiais (tipo de moradia, embarcação, instrumentos de trabalho) e não materiais (linguagem, música, dança e rituais religiosos.” DIEGUES, Antonio Carlos. *Enciclopédia caiçara volume 1: o olhar do pesquisador*. São Paulo: Hucitec, 2004. 2004, p.22.

<sup>49</sup>KAWAGUCHI, Renata Castro Córdias. *Festas, folkcomunicação e religiosidade popular nas comunidades caiçaras e quilombolas de Cananéia –SP*. Comunicação apresentada à Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/

Universidade Metodista de São Paulo X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial Universidade Paulista, SP, 27/8/2015. p.12.

<sup>50</sup>“O Grupo de dança, tocadores de fandango e mestres artesãos de Cananéia tem como objetivo promover a cultura caiçara local. O Grupo já participou de eventos nos seguintes lugares: Revelando São Paulo, Revelando Vale do Ribeira, SESC Itaquera, SESC Santos, SESC Pompeia, Mercado Paulista Solidário, Centro Cultural Plínio Marcos (Ilha Comprida/SP), II Festa de Violeiros de Votorantim/SP, Escolas da Rede Pública de Cananéia/SP, Festa Caiçara de Paranaguá/PR, Encontro de Fandango de Guaraqueçaba/PR, Festa do Livro em Paraty/RJ, Festa Caiçara de Peruíbe/SP e no Projeto Olhares Caiçaras. Atualmente realiza Oficinas de Fandango com ensaios às quartas-feiras, das 19h00 às 20h00, na Praça Theodolina Gomes, na Rua do Artesão.” GRUPO DE FANDANGO BATIDO SÃO GONÇALO. Quinta-feira, 27 de novembro de 2014. Disponível em: <<http://gruposagooncalo.blogspot.com.br/2014/11/>>. Acesso em 20/07/2017.

<sup>51</sup>“O Grupo de Fandango Batido São Gonçalo nasceu em 2005, a partir do Projeto Resgatando O Fandango Caiçara, para a divulgação e valorização cultural tradicional caiçara, buscando a identidade sociocultural, através da convivência com os verdadeiros mestres desta cultura, realizando oficinas, intercâmbios culturais e apresentações. Hoje o Grupo faz parte da Associação de Cultura Caiçara Cananéia (ACUCA).” GRUPO DE FANDANGO BATIDO SÃO GONÇALO. Quinta-feira, 27 de novembro de 2014. Disponível em: <<http://gruposagooncalo.blogspot.com.br/2014/11/>>. Acesso em 20/07/2017.

<sup>52</sup>KAWAGUCHI, Renata Castro Córdias. Festas, folkcomunicação e religiosidade popular nas *comunidades caiçaras e quilombolas de Cananéia - SP*. Comunicação apresentada à Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial Universidade Paulista, SP, 27/8/2015. p.15.

<sup>53</sup>“A Festa do Divino de Mogi das Cruzes vem se mantendo há mais de um século com características bem demarcadas, ainda que dentro de uma cidade que esta bem demarcada pela verticalização e com forte influência da mídia, que, no contexto atual, transformou a festa num espetáculo midiático bem conhecido na região do Alto Tietê. Documentos apontam 1613, como marco da festa, na qual a cidade de Mogi das Cruzes já cultivava a devoção ainda na categoria de Vila de Santa Ana de Mogi Mirim, pois um documento oficial da câmara revela que os moradores deveriam se dispor a arrumar o caminho de entrada da vila, depois do Espírito Santo.” BONINI, Luci. MELO, Eliana Meneses de. Festa do Divino em Mogi das Cruzes: o percurso da Fé e a conquista do alimento santificado. Disponível em: <[http://musimid.mus.br/9encontro/wp-content/uploads/2013/11/9musimid\\_bonini-melo.pdf](http://musimid.mus.br/9encontro/wp-content/uploads/2013/11/9musimid_bonini-melo.pdf)>. Acesso em 21/08/2016. p.08.

<sup>54</sup>BONINI, Luci. MELO, Eliana Meneses de. Festa do Divino em Mogi das Cruzes: o percurso da Fé e a conquista do alimento santificado. Disponível em: <[http://musimid.mus.br/9encontro/wp-content/uploads/2013/11/9musimid\\_bonini-melo.pdf](http://musimid.mus.br/9encontro/wp-content/uploads/2013/11/9musimid_bonini-melo.pdf)>. Acesso em 21/08/2016. p.03.

<sup>55</sup>CERTEAU, Michel de. *L'expérience religieuse, "connaissance vecue" dans l'église*. *Recherches de science religieuse*, Paris, v. 76, n. 2, 1988, p. 202.

<sup>56</sup>ELÍADE, Mircea. *Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.p.53-54.

<sup>57</sup>ELÍADE, Mircea. *Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.p.53-54.

<sup>58</sup>SUSIN, Luiz Carlos. *Pai, Filho e Espírito Santo*. São Paulo: Edições Paulinas, 2003. p.14.

<sup>59</sup>ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.28-29.

<sup>60</sup>CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. Fundação da Casa dos Açores de São Paulo, em Vila Carrão. *Açor - Órgão Informativo da Casa dos Açores*. Ano I, n.1. São Paulo, jun./jul. de 1987. p.1.

<sup>61</sup>Depoimento do Padre José Elias Fadul, em entrevista concedida em agosto de 2009, na Paróquia Santa Marina.

<sup>62</sup>Depoimento da Senhora Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida no dia 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

<sup>63</sup>Depoimento de Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

<sup>64</sup>Depoimento de Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

<sup>65</sup>Depoimento do Senhor Manuel de Medeiros, em entrevista concedida em 03/06/2008.

<sup>66</sup>Depoimento de Henrique de Arruda Soares, em entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

<sup>67</sup>“A exemplo de outras festas populares conhecidas pela sua exuberância plástica ou performática, as festas do Divino articulam um dimensão que podemos reconhecer intuitivamente como estética, mas que, no entanto, resiste a ser descrita e analisada como uma categoria diferenciada e autônoma. Isso porque o conjunto de atividades que produzem essas festas realizam-se sob a inspiração de categorias mágico-religiosas e morais, tendo sua razão profunda de existir na obrigação coletiva e individual de “agradar ao Divino”. Assim, o conjunto de atividades técnicas, estéticas, econômicas, fisiológicas e psicológicas que desencadeiam a festa são realizadas como uma contradádiva oferecida ao Divino Espírito Santo, em agradecimento pelas graças concedidas.” GONÇALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Marcia. Entre o Divino e os Homens: a Arte nas Festas do Divino Espírito Santo. *Horizontes Antropológicos*. Ano 14, n.29. Porto Alegre, jan./jun. 2008.

<sup>68</sup>NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. n.10. São Paulo: PUC-SP, 1993.

## Referências bibliográficas

- ABREU, Martha. **O Império do Divino: Festas Religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999.
- ALMEIDA, Jaime de. **Foliões (Tomos I e II)**. Tese de doutoramento apresentada ao departamento de História. São Paulo: FFLCH-USP, 1987.
- ANGELO, Elis Regina Barbosa. **Trajetória dos Imigrantes Açorianos em São Paulo**. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura popular brasileira**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional I: festas, bailados, mitos e lendas**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ARQUIVO DOS AÇORES. Disponível em: <<http://www.arquivodosacores.com/index.php>>. Acesso em: 22/08/2010.
- BERNARDES, Juliano. **O Divino e o Profano: A Inserção de Novos Discursos na Festa do Divino Espírito Santo em Barra Velha - SC**. Disponível em: <[http://www.larc.ufsc.br/arquivos/divino\\_e\\_profano.pdf](http://www.larc.ufsc.br/arquivos/divino_e_profano.pdf)>. Acesso em: 12/02/2008.
- BONINI, Luci. MELO, Eliana Meneses de. Festa do Divino em Mogi das Cruzes: o percurso da Fé e a conquista do alimento santificado. Disponível em: <[http://musimid.mus.br/9encontro/wp-content/uploads/2013/11/9musimid\\_bonini-melo.pdf](http://musimid.mus.br/9encontro/wp-content/uploads/2013/11/9musimid_bonini-melo.pdf)> Acesso em 21/08/2016.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1989.
- BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. Fundação da Casa dos Açores de São Paulo, em Vila Carrão. **Açor - Órgão Informativo da Casa dos Açores**. Ano I, n.1. São Paulo, jun./jul. de 1987.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. v. 1. Rio de Janeiro:
- CERTEAU, Michel de. **L'expérience religieuse, "connaissance vecue" dans l'église**. Recherches de science religieuse, Paris, v. 76, n. 2, 1988.
- CORTESÃO, Jaime. "O sentido da cultura em Portugal no século XV". In: CORTESÃO, Jaime. **Os factores democráticos na formação de Portugal**. Lisboa: Portugália, 1966.
- COSTA, Susana Goulart. **Açores: Nove Ilhas, Uma História**. Traduzido por Rosa Neves Simas. Berkeley, Califórnia: Institute of Governmental Studies Press; University of California, 2008.
- DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e Utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Altas, 1989.
- DPH IPPLAP. **A festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba**. Piracicaba: IPPLAP, 2012.
- DUARTE, Mário; RAACH, Karl-Heinz. **Os Impérios da Ilha Terceira**. Angra do Heroísmo, Açores, Portugal: Blu Edições, 2002.
- ELÍADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ETZEL, Eduardo. **O Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular**, 1995.
- FREITAS, Afonso Antonio de. **Tradições e Reminiscências Paulistanas (1868-1930)**. Belo Horizonte; Itatiaia, SP: EDUSP, 1985.
- G1. MOGI E SUSANO. Festa do Divino Espírito Santo 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/festa-do-divino/2016/noticia/2016/04/confira-programacao-da-festa-do-divino-de-2016.html>>. Acesso em 12/09/2016
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Marcia. Entre o Divino e os Homens: a Arte nas Festas do Divino Espírito Santo. **Horizontes Antropológicos**. Ano 14, n.29. Porto Alegre, jan./jun. 2008.
- GRUPO DE FANDANGO BATIDO SÃO GONÇALO. Quinta-feira, 27 de novembro de 2014. Disponível em: <<http://gruposaogoncalo.blogspot.com.br/2014/11/>>. Acesso em 20/07/2017.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.
- HILL, Jonathan. **História do Cristianismo**. São Paulo: Edições Rosari, 2008.
- HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence. A Invenção das Tradições. São Paulo: Paz e Terra, 1997. CERTEAU, Michel de. **L'expérience religieuse, "connaissance vecue" dans l'église**. Recherches de science religieuse. Tome 76, 2. Paris, 1988.

- KAWAGUCHI, Renata Castro Cárdis. **Festas, folkcomunicação e religiosidade popular nas comunidades caiçaras e quilombolas de Cananéia –SP**. X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial Universidade Paulista, SP, 27/8/2015.
- LANGER, Johnni. Mitologia e Literatura Medieval: Entrevistas com Hilário Franco Júnior, José Rivair Macedo e João Lupi. **Fênix. Revista de História e Estudos Culturais**. Vol.3, Ano III, n.1. Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura, Janeiro/ Fevereiro/ Março 2006.
- LOTMAN, Jurij M. **Cercare la strada**. Modelli della cultura. Venezia: Marsilio, 1994.
- MARIANO, Neusa de Fátima. Sobre as águas do Rio Tietê: A Festa do Divino de Laras (SP). **Cadernos Ceru** v. 24, n. 1, 2013. 235-254.
- MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Açores, Portugal: Serafim Silva Artes Gráficas/ Maia, 1992.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.
- MEIHY, José Carlos e HOLANDA, Fabíola. **História oral – como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2010.
- MEIHY, José Carlos e RIBEIRO, Suzana. **Guia Prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.
- MELLO, José de Almeida. **Grandes Festas do Espírito Santo de Ponta Delgada**. Ponta Delgada: Publiçor, 2009.
- MENDES, Hélder Fonseca. **Descrição Histórico-Crítica das Festas do Espírito Santo nos Açores**. p.08. Disponível em: <[http://www.forumdaigrejacatolica.org.br/artigos/espiritosanto\\_festas.pdf](http://www.forumdaigrejacatolica.org.br/artigos/espiritosanto_festas.pdf)>.
- MENÉNDEZ, Millán Arroyo. Religiosidade e Valores em Portugal: Comparação com a Europa e a Espanha Católica. **Análise Social**. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa, v. XLII, n. 184, 2007.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. n.10. São Paulo: PUC-SP, 1993
- PIAZZA, Walter F. **Aspectos Folclóricos Catarinenses**. Florianópolis, SC: Comissão Catarinense de Folclore, 1953.
- PIRES, Cibélia Renata da Silva. A religiosidade caipira: a festa do divino em Piracicaba. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**. Abril/ Maio/ Junho de 2009 Vol. 6 Ano VI nº 2.
- PORTAL BRASIL ESCOLA. História do Mundo. Religião Celta – **História da Religião Celta**. Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/celta/religiao-celta.htm>>. Acesso em: 07/09/2009.
- RAVELI, Flávia Albergaria. **A reforma ultramontana e a festa do Divino São Luiz do Paraitinga entre os séculos XIX e XX**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 1999.
- SANTOS, João Rafael Coelho Cursino dos. **A festa do Divino de São Luiz do Paraitinga: o desafio da cultura popular na contemporaneidade**. Dissertação de Mestrado. SP: FFLCH-USP, 2008.
- SUSIN, Luiz Carlos. **Pai, Filho e Espírito Santo**. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.
- VÁRZEA, V. Santa Catarina: **A Ilha**. Florianópolis: Lunardelli, 1985.
- ZAVARIZE, Adilson. Piracicaba comemora a 191ª Festa do Divino a partir do próximo sábado. **Jornal online Buskaki News**. 29 de junho de 2017. Disponível em: <<http://buskakinews.com.br/piracicaba-comemora-191a-festa-do-divino-partir-do-proximo-sabado/>>. Acesso em 12/082017.

## DEPOENTES

Depoimento do Senhor Manuel de Medeiros, em entrevista concedida em 03/06/2008.

Depoimento de Henrique de Arruda Soares, em entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

Depoimento do Padre José Elias Fadul, em entrevista concedida em agosto de 2009, na Paróquia Santa Marina.

Depoimento da Senhora Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida no dia 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.